

Corpo sem título: em busca de caminhos de conhecer

Débora Campos de Paula (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)¹

RESUMO

Este trabalho dialoga com o pensamento de Leda Martins sobre o protagonismo do corpo, enquanto local de inscrição, reprodução e produção de conhecimento. Parto das proposições da autora para refletir sobre a importância de efetivarmos caminhos metodológicos que permitam a expressão do conhecimento do e pelo corpo. Reflito ainda, sobre a relação deste corpo, enquanto criador e pensador, frente as narrativas que informam o que ele deve e pode ser e dos escapes, gingas e pernadas contra hegemônicas que nossos corpos coletivos e individuais, foram capazes de produzir em jogos de afirmação política de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Conhecimento; Memória.

RESUMEN

Esta obra dialoga con el pensamiento de Leda Martins sobre el protagonismo del cuerpo, como lugar de registro, reproducción y producción del conocimiento. Partiré de las propuestas de la autora para reflexionar sobre la importancia de implementar caminos metodológicos que permitan la expresión del conocimiento del cuerpo y a través de él. Reflexiono también sobre la relación de este cuerpo, como creador y pensador, frente a las narrativas que informan lo que debe y puede ser y las fugas, vaivenes y patadas contra lo hegemónico que nuestros cuerpos colectivos e individuales supieron producir en juegos de política de afirmación. existir.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo; Conocimiento; Memoria.

ABSTRACT

This work dialogues with the thought of Leda Martins about the protagonism of the body, as a place of registration, reproduction and production of knowledge. I start from the author's propositions to reflect on the importance of implementing methodological paths that allow the expression of knowledge of and through the body. I also reflect on the relationship of this body, as creator and thinker, against the narratives that inform what it should and can be and the escapes, swings and kicks against hegemonic that our collective and individual bodies were able to produce in games of affirmation policy to exist.

KEYWORDS: Body; Knowledge; Memory.

¹ Doutoranda em Filosofia PPGF/UFRJ, Bolsista CNPq, Mes. Saúde Coletiva IMS/UERJ, Grad. Educ. Física/UFRJ. Experiência na área de dança, atuando na transdisciplinaridade: corpo, memória, arte negra e arte educação. Intérprete/pesquisadora, coreógrafa e preparadora corporal. Integra o Coletivo Muanes Dançateatro, arte-educadora no Instituto Tear e prep. corporal no Coral Palavra Cantada RJ e Grupo Cine em Canto.

O viajante recebe da cobra um amuleto.

Aprende o riso dos mortos,
das pedras ouve a música.

Roubado em seu segredo,
o viajante desaparece

A cobra muda de veste,
o homem perde o corpo

(Edimilson de Almeida Pereira,1992)²

Estou em busca de uma filosofia que se estrutura desde o corpo, e que dele não se aparte ao se enunciar. A tarefa não é das mais fáceis, pois, o campo da experiência me informa uma certa obviedade em relação a indissociabilidade dos processos cognitivos, emotivos, criativos, reflexivos e o meu mover, mas, a tradição acadêmica no campo da filosofia ancora-se no pensamento constituído e expresso por palavras e conceitos. Como aponta Eduardo Oliveira: “Pensou-se sempre o corpo. Chegou o momento de pensar desde o corpo ou, ainda, de o corpo pensar” (OLIVEIRA, p.122).

O corpo da experiência informa que as separações entre biologia e cultura, dentro e fora, pensamento e ação, operam em um afastamento daquilo que se vive. O emaranhado de significados, potências, imagens, tecidos, impulsos nervosos, sensações, limites e aberturas que denominamos corpo é nosso ponto de partida para sermos no mundo.

Como escreve Eduardo Galeano: “A Igreja diz: O corpo é uma culpa. A ciência diz: O corpo é uma máquina. A publicidade diz: O corpo é um negócio. O corpo diz: Eu sou uma festa”. (GALEANO, 1994, p.50)

Minhas inquietações partem de um corpo em estado de dança, em movimento expressivo, experimentando no fluxo da ação e da criação, as tensões e os encontros que fogem a classificações e conceitos. Como artista experimento no ato criativo e em outros momentos em que meu corpo se põe em movimento, o pensar que constitui e é constituído dinamicamente no corpo.

² Publicado no livro *Árvore dos arturos & Outros poemas* (1988). Poema integrante da série *Contos Africanos: Reinvenção de Imagens*. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Corpo vivido: reunião poética*. NOTA: Título original do poema: "O Ouvido. Conto de Angola

Busco interlocutoras que, atravessadas por práticas e/ou reflexões incorporadas, me auxiliem na caminhada.

O trabalho de Leda Martins chega como um importante aporte para minhas inquietações. A autora responde, com firmeza, que sim há um conhecimento advindo das práticas corporais, da dança, da performance.

[...] Minha hipótese é que o corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. O que no corpo e na voz se repete é uma episteme (MARTINS, 2013, p 66).

Partindo da hipótese da autora, reflito que, para além, ou, juntamente com a repetição de uma episteme, o que se move, produz o próprio conhecimento sob signos particulares de conhecer. Aquilo que se inscreve constitui e é constituído dinamicamente no corpo. O que se dá a conhecer se expressa e faz parte das potências do corpo ao mesmo tempo que, enquanto potência, se abre à possibilidade, ao inusitado.

Pensando na constituição da nossa “História” e das muitas outras histórias que ficaram fora dos livros e dos relatos oficiais, o corpo é sem dúvida um elemento fundamental, seja pelo uso de suas características como marcas de diferenciação e exclusão, seja pelas gingas e pernadas contra hegemônicas que nossos corpos coletivos e individuais, foram capazes de produzir em jogos de afirmação política de existir.

Oyewùmí, nos convoca a pensar, como o corpo biologizado é “o alicerce sobre o qual a ordem social³ é fundada” (OYEWÙMÍ, 2021, p.28). Como a construção de diferenciações sociais baseadas em supostas diferenciações corporais “universais”, fornece uma lógica de organização de mundo, uma lógica que ao diferenciar, hierarquiza.

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é a de que a sociedade é constituída por copos e como corpos- corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres (OYEWÙMÍ, 2021, p.27).

Paradoxalmente, a demasiada presença do corpo produz por um lado sujeitos “hipercorporalizados” e outros “descorporificados”, sendo os primeiros, em diferentes momentos históricos, desprovidos de razão, cultura, alma, moralidade, enquanto, “[...] a ausência de corpo tem sido uma pré-condição do pensamento racional” (OYEWÙMÍ, 2021, p.29).

³ A autora refere-se a sociedade Ocidental argumentando, em outras culturas, como na sociedade lorubá, as estruturas sociais são compostas sobre outras bases, portanto, utilizar os mesmos quadros conceituais para observar e explicar diferentes culturas tem sido uma violenta forma de imposição do pensamento ocidental, baseado na concepção universal de homem construído a partir deste pensamento.

Nesse sentido, o corpo está a serviço da utilização de diferenciações anatômicas, fisiológicas e fenotípicas em demarcações hierarquizadas, de quais pessoas podem ou não ocupar espaços sociais e mesmo, quais são aliados da estrutura constituída.

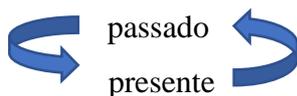
A produção de um Outro encarnado, em sociedades nas quais o corpo e os significados a ele atribuídos são subvalorizados, depositam neste Outro - em um modelo de diferenciação - a imperfeição, os vícios, a impureza, a infantilidade, a brutalidade dentre outros adjetivos. Tais predicados reafirmam os espaços de ocupação e circulação social.

Sob outra lente, estes mesmos corpos marcados pelo olhar colonizador, patriarcal e sexista, transmitem por gerações seus saberes em oralidade, dança, comida, brinquedo, luta, técnicas e conceitos. O espaço e tempo do conhecimento é o próprio corpo, pois, foram nos corpos que os conceitos, as epistemes, as técnicas, as memórias foram transplantadas de África para as Américas. A expropriação da territorialidade, dos nomes e objetos, felizmente, não foi capaz de apagar o que nas culturas mães se dava com, pelo corpo.

Como salienta Kiusan de Oliveira:

Em nossos corpos encontramos memórias de nossas ancestrais, nossos corpos são memórias [...]. Nosso corpo é tecido pela ancestralidade que nos permite ser / estar no mundo. Esse corpo é cultural, carregado de histórias, de filosofias e sentidos. O corpo negro é tecido pela pedagogia da ancestralidade [...] (KIUSAM, 2019, on-line).

Pensando na pedagogia da ancestralidade proposta por Kiusan é possível observar que em diferentes manifestações afro-brasileiras, transmitidas corporal/oralmente, a tecitura complexa de saberes, tanto se perpetuaram como se atualizaram em estados temporais dinâmicos, no continuum:



Referindo-se as culturas de tradição oral e o lugar do corpo, no jogo da memória em permanente atualização e recriação no gesto, Leda aponta:

Como tal esse corpo/ corpus não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato reencenado. [...] O corpo, nessas tradições, não é portanto, apenas a extensão de um saber reapresentado, e nem arquivo de uma cristalização estática. Ele é, sim, local de um saber em contínuo movimento de recriação formal, remissão e transformações perenes do corpus cultural (MARTINS, 2013, p 78).

Em uma nova configuração, os conhecimentos comunitários grafados nos sujeitos que aqui chegaram, engendraram, por muitas vias, modos de ser e fazer. Dentre as muitas bagagens e transmissões corpóreas aportadas em nossas terras, a oralidade, as danças, os

cantos e toques, enquanto metodologias de comunicação e produção de sentidos, se afirmaram no tecido social como formas de existências não hegemônica.

Uma forma de conhecer e se colocar no mundo informada a partir das frestas e escapes da sobrevivência. Para tanto, fez-se necessário ativar a forma polissêmica de apreender o mundo com o corpo e de realimentar a comunidade pela festa, pela luta, pela comida, pela liturgia e por tantos outros espaços que se entrecruzam e reafirmam concepções de mundo.

Leda Martins salienta o quanto, no Ocidente, ao privilegiar a natureza do conhecimento centrado na visão acaba-se por excluir outras formas de percepção:

[...] Nessa ordem, o domínio da escrita torna-se metáfora de uma ideia quase exclusiva da natureza do conhecimento, centrada no alçamento da visão, impressa no campo ótico pela percepção da letra. A memória, inscrita como grafia pela letra escrita, articula-se assim ao campo e processo da visão mapeada pelo olhar, apreendido como janela do conhecimento. Tudo que escapa, pois, à apreensão do olhar, princípio privilegiado de cognição, ou que nele não se circunscreve, nos é ex-ótico, ou seja, fora de nosso campo de percepção, distantes de nossa ótica de compreensão, exilado e alijado de nossa contemplação, de nossos saberes (MARTINS, 2013, p 64).

Do mesmo modo, Oyèrónké Oyèwùmí aponta a preponderância da visão na percepção de mundo ocidental, destacando que “[...] A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar” (OYÈWÙMÍ, 2021, p. 28-29). A autora destaca ainda, que “[...] O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual” e utiliza o termo cosmopercepção, como uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais”. (OYÈWÙMÍ, 2021, p.29).

A pluralidade e diversidade de atravessamentos que o termo cosmopercepção nos sugere, permite abriremos nosso entendimento a partir da experiência sensível, invocando nossas memórias e nossa presença com todos os sentidos, de forma não hierarquizada e cambiante. Outras camadas de relação corpo/mundo são geradas, produzindo igualmente outros pensamentos, ações, políticas, pedagogias.

Pensar o mundo e no mundo a partir de uma multiplicidade não hierarquizada de sensações nos lança em uma outra cartografia. Se tomamos como exemplo apenas um evento como uma roda de samba, aquilo que se toca e canta, o que se bebe e come, a transpiração o

movimento, os outros corpos envolvidos e tudo o que vemos, faz parte de uma única experiência.

Refletindo sobre essa outra cartografia, o espaço que se dinamiza enquanto fluxo no ambiente, também se processa nos sujeitos da experiência. Assim, nas palavras de Ciane Fernandes, “[...] O espaço [...] não é um arcabouço simplesmente físico e geográfico onde nos localizamos. Trata-se de um meio ambiente ativo, dinâmico e estimulante, que existe dentro e fora de nós” (FERNANDES, p 133).

Neste sentido, penso que habitar e ser habitado por espaços onde o jogo seja regido por outras regras e fomentar outras danças nos espaços constituídos como lugares de saber é um ato político de afirmação de outros mundos possíveis.

O encontro com as narrativas cultivadas nas manifestações da cultura popular, nos espaços religiosos de origem afro-brasileira, nas festas, bailes, folguedos, nas quebradas onde “quem não dança carrega a criança”, “quem não samba, bate palma”, pode ajudar no deslocamento da lógica do espectador para a lógica do experimentador.

Quando estamos de ponta cabeça na capoeira ou compartilhando tempo e espaço com forças invisíveis, entendemos que a leitura da vida possui muito mais dimensões e atravessamentos e que o conhecimento não está circunscrito no que aprendemos nas carteiras escolares.

Não cabe aqui uma oposição ou cisão neste deslocamento, apenas uma horizontalização das possibilidades de existir. Aprofundar o que nos informa os fazeres/saberes, cozidos em solo brasileiro, a partir de muitos ingredientes de várias culturas, mas, guardando procedimentos e temperos ancestrais, passa pela recolocação de valores caros à manutenção da vida nos nossos dias.

Não se trata, portanto, apenas de valorar econômica e socialmente as expressões das culturas elencadas como originárias ou tradicionais, mas, de perceber as tecnologias, estratégias e práticas de vida que nos mantiveram de pé e ampliá-las como potência nos nossos corpos, na nossa criação.

Neste sentido, para nos dizer, nossa escrita é um texto que dança, que se planta no fazer, no lembrar e construir com o corpo. E nossa dança, é uma dança que conta, que reinventa memórias, que conecta mundos, como no belo termo cunhado por Conceição Evaristo, *Escrevivência*, onde a escrita não se separa da poética do corpo, da poética da voz, das imbricações das imagens da memória e do presente. Como a própria autora costuma dizer: “eu escrevo porque não consigo dançar nem cantar”.

Apesar das acontecências do banzo

*[...] Das acontecências do banzo
a pesar sobre nós,
há de nos aprumar a coragem.
Murros em ponta de faca (valem)
afiam os nossos desejos
neutralizando o corte da lâmina.*

*Das acontecências do banzo
brotará em nós o abraço à vida
e seguiremos nossas rotas
de sal e mel*

por entre Salmos, Axés e Aleluias. (EVARISTO, 2017, p. 119-120)

Sobre essa estreita relação entre a escrita e a dança, Leda Maria Martins, ressalta que:

“[...] Em uma das línguas bantu, do Congo, da mesma raiz, ntanga, derivam os verbos escrever e dançar, que realçam variantes sentidos moventes, que nos remetem a outras fontes possíveis de inscrição, resguardo, transmissão e transcrição de conhecimento, práticas, procedimentos, ancorados no e pelo corpo, em performance.” (MARTINS, 2013, p.65).

O que me chama a atenção é o fluxo de possibilidades que circula entre as linguagens: na dança das letras, na grafia dos movimentos e no indizível que a dança abriga.

Esse lugar/espço do cruzo, onde/quando as fronteiras se borram, permitindo o movimento criador é parte da nossa dança/pensamento. “Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signica diversificada e, portanto, de sentidos plurais” (MARTINS, 2013, p.69). E, como afirma a autora: “A cultura negra também é, epistemologicamente, o lugar das encruzilhadas” (MARTINS, 2002, p. 73).

A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim (MARTINS, 2013, p 69).

Assumir que as narrativas não hegemônicas, encontraram e forjaram espaços para se perpetuarem e experimentar suas técnicas de comunicação e criação, é um modo de recolhermos os vestígios destas narrativas, desde o corpo. Colocar o “corpo pra jogo”, vivenciando a possibilidade do desequilíbrio, da espera na composição da roda para cantar, mover e apreender qual é o jogo que está sendo jogado. Perceber o trânsito entre a aparente separação sagrado e profano. Compreender que a comida, alimenta o físico, o espiritual, o comunitário, o ancestral, tudo como parte da experiência do nutrir.

Desta forma pretende-se abrir espaços de compreensão e de possibilidades de pensar sobre si e o outro, em hipóteses que dialogam nos limites, nas frestas, nos cruzos, daquilo que

seja individual ou coletivo, interno ou externo, privado ou partilhado. Estar no centro da encruzilhada para descentralizar, pois este é o espaço do possível, da escolha, do reconhecimento e da invenção de si ao começar a caminhar.

Como nos ensina a poética de Rodrigo de Almeida Santos:

Bara Elegbára lò inà ré. Baraloju mon mon sire. O rei do corpo é o Senhor da força e pode ser seu fogo. O rei do corpo é a visão do sábio que conhece o jogo.

[...] O rei do corpo ao criar inventa uma nova ordem que desregula a cidade, cuja legislação provém de uma bruta voracidade que o corpo traz como instinto: criar, criar, criar.
Nossa característica [...]

[...] O rei do corpo procura em nós pelo animalesco e o corpo ele cura de três doenças: razão, fantasia e fé [...]

[...] Com a pedagogia e a técnica da informação, fixou tudo que quer a mudança, menos o rei do corpo, que é aquele que não se alcança com escola, jornal e finança. No Brasil, a razão desorganiza, a fé desliga e a fantasia escraviza [...]

[...] Criar precisa voltar-a-ser uma forma de relação afetiva, pois o corpo se envolve na terra pelo desejo da potência criativa. E o amor da terra por nós é um tipo de impulso: é a vida.⁴

(SANTOS, 2014, 137-141)

Aprendemos a silenciar o corpo para pensar, aprendemos a separar o que desejamos, o que nos alimenta e dá prazer, do nosso sagrado, aprendemos a comer sem mastigar verdades que não sentimos. Creio que é tempo de descobrirmos essas verdades.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, pp. 119-120.

⁴ Manifesto Rei do Corpo. Em: Santos, Rodrigo de Almeida dos. Baraperspectivismo contra logocentrismo ou o trágico no prelúdio de uma filosofia da diáspora africana, p. 137 - 141.

FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal: da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa**. Salvador: EDUFBA, 2018. p.177-213.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo: L&PM, 1994.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, [S.l.], n. 26, p. 63-81, nov. 2013. ISSN 2176-1485. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>>. Acesso em: 25 abr.2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo e da Memória: os Congados**. O Percevejo-Revista de Teatro, Crítica e Estética. Ano 11. N12. 2003 - pp. 149 - 161. Departamento de Teoria de Teatro. Programa de pós-graduação em Teatro-Universidade Federal do Rio de Janeiro. UNIRIO.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar**. In Graciela Ravetti e Marcia Arbex (org.), Performance, Exílio e Froteiras. Belo Horizonte. Departamento de Letras Românticas, Faculdade de Letras/UFMG:Poslit, 2002, p. 69-91.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Pedagogia da Ancestralidade**. In: Revista online, postado em 18 de Julho de 2019. Acesso em: 08 de Agosto de 2019. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**; tradução Wanderson Flor do Nascimento – 1ª edição, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Corpo vivido: reunião poética**. Juiz de Fora: Ed. D'Lira; Belo Horizonte: Mazza Ed., 1992.

SANTOS, Rodrigo de Almeida dos. **Baraperspectivismo contra logocentrismo ou o trágico no prelúdio de uma filosofia da diáspora africana**. Rio de Janeiro, 2014. 147 f. Orientador: Rafael Haddock-Lobo. Coorientador: Renato Nogueira dos Santos Junior. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2014.